

# Um Povo de Deus precisa mais do que de apenas igrejas evangélicas

Resenha de:

SPYER, Juliano. **Povo de Deus**: Quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020

Iafet Leonardi Bricalli

*Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade de Gênova. E-mail: iafetbricalli@gmail.com.*



O meu desejo de ler o livro *Povo de Deus*, do antropólogo brasileiro Juliano Spyer, ocorreu após ler algumas de suas entrevistas nos principais jornais do país. A abordagem do autor sobre um dos fenômenos sociais mais importantes da sociedade brasileira das últimas décadas, a expansão dos evangélicos, era inusitada. Spyer afirmava, em linhas gerais, que as igrejas evangélicas ajudavam a melhorar as condições de vida dos pobres das favelas e periferias das cidades brasileiras, de onde provém a esmagadora maioria dos evangélicos. É verdade que muitos outros autores que eu havia lido já haviam afirmado o mesmo, mas sempre de um modo crítico, fazendo as nuances necessárias e explicitando as contradições. As entrevistas de Spyer, ao contrário, soavam como uma espécie de defesa dos evangélicos, ao menos do meu ponto de vista.

Lendo o livro, percebe-se que Spyer tem uma visão “simpática” sobre os evangélicos, como ele próprio reconhece. A própria organização dos capítulos demonstra isso: o livro é dividido em sete partes e apenas uma é dedicada a uma certa crítica ao fenômeno, com destaque para a “instrumentalização da fé” pela chamada “bancada evangélica” do Congresso Nacional. O seu objetivo, como ele próprio reconhece em vários momentos do livro, é questionar uma visão preconceituosa e simplificadora sobre os evangélicos brasileiros presente tanto nos debates do meio acadêmico quanto nas opiniões de senso comum. De fato, existe um estigma sobre os evangélicos brasileiros fruto de uma visão estereotipada que busca associá-los indistintamente, sem nenhum tipo de relativização, ao obscurantismo, ao conservadorismo, à manipulação e à sede por poder e dinheiro. Quanto a isso, Spyer tem razão. Ele procura mostrar, utilizando-se de uma ampla bibliografia brasileira e internacional sobre os evangélicos, bem como valendo-se de dados de seu trabalho de campo, como a realidade evangélica nas áreas mais pobres do Brasil difere muito da imagem estereotipada apresentada acima. Segundo Spyer, as igrejas evangélicas proporcionam, por exemplo, a constituição de redes comunitárias de solidariedade e proteção, tiram pessoas do alcoolismo (e conseqüentemente reduzem a violência doméstica), melhoram a vida de traficantes através da conversão, melhoram a autoestima dos fiéis, dão disciplina para o trabalho,



estimulam o aumento do investimento familiar em educação e nos cuidados com a saúde. Esse conjunto de mudanças, para Spyer, geralmente conduz à ascensão econômica.

Os argumentos de Spyer são conclusões de seu trabalho de campo mas são também corroborados por parte da literatura. No entanto, outras pesquisa de campo, como a que venho conduzindo na cidade do Rio de Janeiro, matérias jornalísticas e outras literaturas podem rebatê-los na mesma moeda: algumas igrejas, como a Universal do Reino de Deus, têm dificuldades em estabelecer redes comunitárias (CAMPOS, 1997; MARIANO, 2013); o discurso religioso de muitas igrejas tende a colocar as mulheres em uma posição de subordinação em relação aos homens, o que pode contribuir para o aumento da violência contra as mulheres; algumas igrejas evangélicas são utilizadas para lavagem do dinheiro das milícias<sup>2</sup>; o discurso evangélico é utilizado para o controle territorial das favelas por parte dos traficantes (VITAL DA CUNHA, 2015); algumas igrejas e alguns pastores serviram como legitimadores da política de “pacificação”/militarização de favelas (MACHADO, 2013; MACHADO, 2017; MACHADO; ESPERANÇA; GONÇALVES, 2018), política que contribuiu para o estigma e a violência contra os moradores de favelas do Rio de Janeiro, principalmente jovens e negros; pessoas podem, por exemplo, serem “salvas das drogas” quando convertidas, mas podem morrer nos meses seguintes por acreditar que a fé em Jesus seria suficiente para livrá-las de um câncer, conforme me disse um pastor em relação ao caso de sua mãe; o dinheiro que poderia estar indo para o investimento familiar em educação e saúde pode estar sendo canalizado para o pagamento de dízimos e ofertas em razão de uma postura agressiva e perversa de muitos pastores e igrejas.

No entanto, uma crítica ainda maior e, na minha opinião ainda mais importante, pode ser feita ao livro de Spyer (2020). O autor não discute suficientemente as condições estruturais que levaram à expansão dos evangélicos no Brasil, principalmente dos

---

<sup>2</sup> Ver Souza (2020). Ver também a entrevista *Fórum entrevista: igrejas tornaram-se lavanderias para o dinheiro das milícias*. Fórum, 2019. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2019/6/16/forum-entrevista-igrejas-tornaram-se-lavanderias-para-dinheiro-das-milicias-diz-jacqueline-muniz-57153.html>>. Acesso em: 03 de maio de 2022.

pentecostais e neopentecostais. Como afirma Mariano (2003), o crescimento evangélico não ocorre em um vácuo. Ele responde a um contexto econômico, social, político e cultural que começa a se desenhar no Brasil em meados do século passado. Desde o seu surgimento, o pentecostalismo é uma manifestação religiosa típica das classes populares e adaptada a elas (SOUZA, 2010). Se as religiões tradicionais atendiam a uma segmentação de classe tradicional entre burguesia e proletariado, o desenvolvimento do capitalismo e a complexificação da classe trabalhadora exigia uma religiosidade adaptada às formas mais modernas de exclusão e inclusão do capitalismo. A igreja do pastor negro e filho de ex-escravos Willian Joseph Seymour, fundada em 1906 em Los Angeles, nos Estados Unidos, atendia sobretudo negros, pobres, imigrantes e mulheres que não estavam sendo totalmente incorporados à cidade em um contexto de intensa migração interna (rural-urbana) e externa (pobres vindos da Europa) nos Estados Unidos. Ao contrário dos cultos racionais, ponderados e silenciosos que ocorriam nas igrejas protestantes históricas, na igreja fundada por Seymour as pessoas falavam (alto) em línguas, dançavam e cantavam enquanto milagres eram realizados, doenças eram curadas e demônios eram expulsos, para escândalo das classes médias e altas.

Não por acaso, o pentecostalismo teve e ainda tem muita dificuldade de se expandir nos países capitalistas centrais. O seu avanço ocorre sobretudo nos países asiáticos, africanos e, principalmente, nos países latino-americanos, com destaque para o Brasil. No entanto, no Brasil, embora as primeiras igrejas pentecostais tenham chegado por aqui no início do século XX, a expansão pentecostal como fenômeno significativo só ocorre em meados do século em um contexto de modernização da sociedade brasileira, que traduziu-se no processo de industrialização e na migração rural-urbana. Como o processo modernizador brasileiro não foi capaz de absorver suficientemente no processo produtivo uma enorme massa de pessoas que chegavam às cidades, a consequência foi um processo de urbanização altamente segregador que resultou na constituição/expansão das favelas e periferias. Foram nestes espaços segregados que o pentecostalismo floresceu.

Ainda assim, os evangélicos tinham um papel marginal na constituição do campo religioso brasileiro e na sociedade brasileira. A grande virada somente ocorreu a partir

dos anos 1980, com a intensificação do processo modernizador e, principalmente, com a “virada neoliberal” da sociedade brasileira. Pode-se dizer que o neoliberalismo ajuda a explicar a expansão evangélica de duas formas diferentes, embora articuladas. Em primeiro lugar, a precarização das classe trabalhadora brasileira, traço intrínseco à sua constituição, foi acentuada pelas políticas neoliberais, que a tornou ainda mais heterogênea, constituindo uma verdadeira “multidão” (HARDT; NEGRI, 2021) sedenta por explicações de seus infortúnios sociais e disposta a buscar o seu lugar ao sol, mesmo que simbolicamente, nos caminhos traçados pela sociedade brasileira. Em segundo lugar, se entendermos o neoliberalismo enquanto governamentalidade (FOUCAULT, 2008; DARDOT E LAVAL, 2016), perceberemos que a sua racionalidade baseada na concorrência como norma de conduta e na empresa como modelo de subjetivação foi responsável por uma importante mudança no campo religioso brasileiro. As “liberdades” trazidas por essa racionalidade fizeram da religião uma questão de escolha pessoal, acentuando os traços de pluralismo e liberdade religiosos, conforme a tese de Berger (1990). A competição das religiões por novos fiéis exigiam que elas se adaptassem aos novos tempos. Aparentemente foram as igrejas evangélicas, sobretudo as pentecostais, que tiveram melhor capacidade de adaptação. Foi assim que surgiu, por exemplo, o neopentecostalismo, uma vertente do pentecostalismo completamente adaptada aos novos tempos neoliberais, acentuando o discurso contra o diabo em um contexto de florescimento dos infortúnios sociais e invertendo o ascetismo pentecostal ao colocar no centro do pentecostalismo uma teologia de afirmação do mundo, e não de negação: a Teologia da Prosperidade. O neopentecostalismo, cuja postura teológica e sociológica, conforme Mariano (1999), impactaram em diferentes graus as demais religiões brasileiras, era completamente adaptado ao espírito do tempo neoliberal em que liberdade, empreendedorismo, meritocracia, desempenho e sucesso constituíam as palavras de ordem.

Como resultado dessas mudanças, os evangélicos representam hoje cerca de 30% da população brasileira e são, em sua maioria, pobres. Spyer (2020) tem razão ao dizer que a compreensão do Brasil de hoje passa pela compreensão dos evangélicos. No entanto,

o que Spyer (2020) não explicita de modo suficiente é que, embora as igrejas evangélicas possam ter algum papel na melhoria das condições materiais de vida do pobres brasileiros, esse papel é limitadíssimo uma vez que as razões que explicam as péssimas condições materiais de vida dos pobres brasileiros têm origem na estrutura social, econômica e política da sociedade brasileira. Se estes problemas não forem enfrentados, não há religião que dê jeito. E, o que é pior: como nos ensina uma forte tradição sociológica nos estudos da religião, é bom nunca esquecer que religião é poder. Ela contribui para legitimar um determinado estado de coisas a partir da naturalização das relações sociais que, para ela, é fruto de uma realidade última (religiosa) e não das disputas sociais (BERGER, 1990; BOURDIEU, 2007). Se as igrejas evangélicas possuem uma penetração cada vez mais importante nas favelas e periferias das cidades brasileiras e possuem um discurso majoritário em que, por exemplo, o diabo é mobilizado para explicar os “fracassos” aos quais estão submetidos os pobres brasileiros, ao mesmo tempo em que mobilizam um discurso que gira em torno da responsabilidade exclusivamente individual e da meritocracia em uma sociedade em que os pontos de partida são completamente diferentes de acordo com a “classe” à qual se pertence, elas terminam por alimentar os mecanismos que reproduzem as desigualdades.

Para concluir, é preciso dizer que o livro de Spyer (2020) cumpre um de seus objetivos que é o de contribuir para a desconstrução do estigma sobre os evangélicos brasileiros. E isso é louvável em um país extremamente preconceituoso, fruto de uma sociedade muito mal informada sobre os evangélicos, cuja expansão tende a se acentuar a medida em que a miséria social aumenta. O preconceito contra os evangélicos não seria o preconceito velado contra os pobres? No entanto, no meu ponto de vista, o “problema” do texto de Spyer (2020) é não explicitar suficientemente o fato de que a expansão dos evangélicos é sintoma de um mal maior que são os mecanismos econômicos, sociais, políticos e culturais que fazem da sociedade brasileira uma das mais desiguais do mundo. Um livro cujo objetivo é mostrar o papel das igrejas evangélicas na melhoria das condições de vida dos pobres brasileiros precisaria, a meu ver, explicitar esses mecanismos. E dizer,



também, que se as igrejas são parte desses mecanismos, a defesa de seu papel “positivo” na vida dos pobres fica cada vez mais difícil de sustentar.

### Referências bibliográficas

BERGER, P. L. **The sacred canopy**: elements of a sociological theory of religion. New York: Anchor books, 1990.

BOURDIEU, P. Gênese e estrutura do campo religioso. In: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CAMPOS, L. S. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. São Paulo: Vozes, 1997.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Impero**: il nuovo ordine della globalizzazione. Milano: BUR, 2021.

MACHADO, C. “É muita mistura”: projetos religiosos, políticos, sociais, midiáticos, de saúde e segurança pública nas periferias do Rio de Janeiro. **Religião & Sociedade**, v. 33, n. 2, p. 13-36, 2013.

MACHADO, C. The church helps the UPP, the UPP helps the church: pacification apparatus, religion and boundary formation in Rio de Janeiro’s urban peripheries. **Vibrant**, v. 14, n. 3, p. 1-16, 2017.

MACHADO, C.; ESPERANÇA, V.; GONÇALVES, V. R. Militarização e religião: alianças e controvérsias entre projetos morais de governo de territórios urbanos “pacificados”. In: LEITE, M. et. al. (orgs). **Militarização no Rio de Janeiro: da pacificação à intervenção**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIANO, R. A Igreja Universal no Brasil. In: ORO, A. P.; CORTEN, A.; DOZON, J. P. **Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé.** São Paulo: Paulinas, 2003.

MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. **Debates do NER**, n. 24, pp. 119-137, 2013.

SOUZA, J. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOUZA, J. **A guerra contra o Brasil: como os EUA se uniram a uma organização criminosa para destruir o sonho brasileiro.** Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020.

SPYER, J. **Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam.** São Paulo: Geração Editorial, 2020.

VITAL DA CUNHA, C. **Oração de traficante: uma etnografia.** Rio de Janeiro: Garamond, 2015.